

O retorno do esquecimento: quando o passado é *caché*

*Sergio Andraus**

No filme *Caché*, as vidas de um casal e seu filho adolescente são abaladas por um evento aterrorizante. Eles têm seus cotidianos gravados em fitas de vídeo deixadas na porta de sua casa, embrulhadas em folhas de papel com desenhos assustadores, feitos com traços infantis. Um aspecto fantástico desse enredo são as gravações em ambientes onde seria impossível ocultar uma câmera naquela época. Interpretamos o filme como uma metáfora em que, assim como no delírio, o diretor adotou como ponto de partida uma premissa indiferente à realidade. Essa premissa se ramificaria na consciência do protagonista como um núcleo psicótico, um setor da vida psíquica dominado por uma construção delirante, com efeitos nas relações do sujeito com os outros. O homem da família é Georges, um apresentador de programa televisivo de crítica literária, casado com uma escritora. Ele parece esconder da mulher uma suspeita sobre o caso: quando criança, por volta dos seis anos de idade, antes, portanto de poder responder por qualquer ato, ele teria provocado a ida de Majid, um órfão recém adotado por seus pais, para um orfanato. Esse homem agora adulto desejaria se vingar. O enredo das fitas sustenta a tese de Georges e, como quem procura o seu perseguidor, ele irá em busca de Majid, que parecerá alheio à história das fitas e indignado com a acusação de aterrorizar uma família. Majid será procurado várias vezes por Georges, que o ameaçará caso não cesse essa espionagem, que Majid diz ignorar completamente. A fala de Georges assemelha-se a uma fala psicótica tanto na convicção quanto no conteúdo, como se ele dissesse: “Sei que este é o meu perseguidor, pois ele filma minha vida para roubá-la”.

* Psicanalista, doutorando no Programa de Memória Social – UNIRIO.

O enredo das fitas de vídeo é um pano de fundo que enlaça duas subjetividades com diferenças inconciliáveis, uma barreira à própria comunicação. Um fenômeno psíquico é considerado “normal” por um atributo de mutualidade, as construções culturais podem ser tão variadas quanto pode conceber a capacidade criativa humana no universo da linguagem. Universo nascido com a criação dos arranjos sociais que tornaram possível a convivência humana em grupos numerosos. Uma ideia grosseiramente exótica ou ilógica pode ser objeto da mais devotada crença de um grupo social inteiro, como no indivíduo um núcleo psicótico em meio a um funcionamento psíquico normal. O aspecto mórbido de uma ideia delirante, criada por um indivíduo, é atestado pela idiossincrasia de tal construção psíquica. Porém, se adotamos um perspectivismo, uma visão de que todo fenômeno existe conforme uma perspectiva, a visão de uma construção social de um povo como núcleo psicótico também sugere uma radical incompreensão por parte de quem o vê, no sentido de que se encontram separados, o observador e o observado, pela barreira irremovível de uma diferença cultural. Tão irremovível quanto o delírio de um psicótico, que não se deixa convencer por argumentos lógicos. Nietzsche, que como Freud veria a vida psíquica como manifestação pulsional, teria observado que o intelecto é instrumento dos afetos. Freud atribuiria essa impossibilidade de compreensão ou convencimento – similar também ao que sentimos diante de um psicótico – a uma questão de economia libidinal das massas, um investimento libidinal em ideais compartilhados. Esses ideais seriam reativos à força pulsional, e poderiam se afastar da realidade.

Todos esses fenômenos [as reações defensivas] [...] mostram uma considerável independência com respeito à organização dos outros processos psíquicos que estão adaptados às exigências do mundo real externo e obedecem às leis do pensamento lógico. Eles não são influenciados, ou não o bastante, pela realidade externa, não se importam com ela nem com seus representantes psíquicos, de modo que facilmente entram em contradição ativa com ambos. Eles são, por assim dizer, um Estado dentro do Estado, um partido inacessível, inapto à cooperação, mas que pode ser bem-sucedido em subjugar o outro, o chamado normal, e forçá-lo a seu serviço. Se isso acontece, chegou-se assim à dominação de uma realidade psíquica interna sobre a realidade do mundo exterior [...] (FREUD, 1939/2014, p. 114-115).

Desse modo, o sujeito pode submeter a realidade à sua própria repetição, que é o retorno de uma realidade psíquica interna. Freud se interrogou a res-

peito do retorno daquilo que parecia haver desaparecido da memória dos povos, fazendo com que suas histórias – tal como as dos indivíduos – pareçam em parte determinadas por retorno, repetições. O criador da psicanálise já havia atentado para o fenômeno da compulsão à repetição na vida dos indivíduos. Em *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1939/2014), ele também vê manifestar-se entre as massas esse retorno do esquecido. Nesse sentido, o filme *Caché* parece uma metáfora sobre o neocolonialismo europeu, ao abordar o medo que os povos colonizadores têm dos indivíduos pertencentes aos povos dominados, sua desconfiança e tendência a ver neles a manifestação de alguma natureza perversa ou traiçoeira. Georges, um francês sofisticado, acredita nada ter a esconder sobre ele próprio, embora seja incapaz de falar sobre um evento de sua infância. Por volta de seis anos de idade, seus pais adotaram o filho de um casal de imigrantes argelinos. Os pais da criança teriam morrido na brutal repressão aos argelinos na França, no final dos anos sessenta.

Georges tem um sonho em que aquele menino da sua idade decepa com uma machadinha um galo na propriedade de sua família. Com os olhos sujos do sangue esguichado do pescoço da ave, e a machadinha na mão, o menino Majid se aproxima de Georges, no sonho uma criança aterrorizada, que então desperta.

Freud sustentou que o nascimento da cultura e da linguagem teria acontecido após um longo período em que a humanidade viveu organizada em hordas constituídas por um macho que se relacionaria sexualmente com todas as fêmeas, e expulsaria, mataria ou castraria os outros machos quando estivessem crescidos. Esses irmãos expulsos viveriam em bando, em relações homossexuais ou levando uma fêmea para satisfação sexual de todos. Um dia a decadência física impediria o pai da horda de expulsar um filho crescido, que então o castraria e mataria, passando a possuir as mulheres. Durante uma longa era esses irmãos teriam se unido para atacar e matar o pai, mas a disputa entre eles pelas mulheres terminaria resultando no domínio exclusivo de um único homem sobre a horda. Até um momento que Freud resumiu como um evento, mas teria se repetido ao longo de séculos até passar a prevalecer como modo de organização social. Esse evento seria a união dos irmãos para matar e devorar o pai, assimilando assim seu atributo de onipotência, e também renunciando, todos eles ao mesmo tempo, às mulheres do clã, para só assim existir possibilidade de convivência entre os machos adultos. A partir do momento em que se instituíram as leis de interdição às mulheres do clã, ou seja, ao incesto, e também ao parricídio, teria nascido a linguagem entre a humanidade. Pois a partir dali o humano teria de se haver com uma impossibilidade, com

uma falta, que é a perda da liberdade absoluta, da onipotência do pai primevo. Em troca de poder viver em grupos maiores, e com mais segurança, o humano teria se deparado com as restrições que engendraram a palavra capaz de tornar comunicável a *lei*. A linguagem nasceria impulsionada pela falta, pela restrição ao gozo absoluto do pai, a partir de então idealizado – amado e invejado – como possuidor do falo. Freud deduziu que “cada indivíduo do bando de irmãos certamente tinha o desejo de cometer o ato [o assassinato do pai] por conta própria e obter assim uma posição de exceção [...] à qual cabia renunciar” (FREUD, 1939/2014, p. 127).

Freud repetia uma fórmula do cientista natural Ernst Haeckel, segundo quem “o ontogênico repete o filogênico”. Assim, também na pré-história do indivíduo, a aquisição da linguagem e a submissão à lei seriam contemporâneas a intensas transformações na relação da criança com os pais. Por meio da análise de crianças e neuróticos, Freud viu nas interdições ao incesto e ao paricídio a condição para a entrada da criança no mundo da linguagem e da cultura. Os meninos que pelo crescimento seriam forçados a renunciar à satisfação irrestrita das próprias pulsões, e ainda a testemunhar com grande intensidade de sofrimento a perda do amor da mãe para o pai, dirigiriam a esse, de modo ambivalente, ou seja, em meio a fortes sentimentos de amor e dependência, sentimentos hostis e de rivalidade. A simbologia, presente nos sonhos e na linguagem, relativa a esses eventos, também repete a violência da relação entre o pai primitivo e seu filho, por meio da recorrência da imagem da castração.

O conteúdo do inconsciente, afinal, é coletivo, patrimônio universal dos seres humanos [...]. Decidimo-nos enfim pela hipótese de que os sedimentos psíquicos daqueles tempos primitivos tinham se transformado em herança, necessitando apenas ser despertados, e não adquiridos, a cada nova geração. Pensamos a propósito disso no exemplo do simbolismo, certamente “inato”, que provém do período do desenvolvimento da linguagem, é familiar a todas as crianças sem que tenham recebido instrução alguma e tem o mesmo teor em todos os povos, apesar da diferença das línguas. Obtemos a segurança que ainda nos falta a partir de outros resultados da investigação psicanalítica. Ficamos sabendo que em algumas relações significativas nossos filhos não reagem como corresponde à sua própria experiência, e sim instintivamente, de maneira comparável aos animais, como só é explicável por aquisição filogenética (FREUD, 1939/2014, p. 177-178).

O temor à castração, presente na análise de nossas crianças, teria raiz em um ato concreto nas disputas brutais entre as gerações de tempos pré-históricos. Poderíamos realizar assim uma interpretação do sonho de Georges. O crime cometido por um irmão [da horda primitiva], o pequeno Majid, ao decepar o galo, corresponderia à castração do pai. Georges teria projetado em Majid seus próprios impulsos agressivos em relação ao pai, sentindo horror diante daquela visão da própria agressividade, a decepação do galo, o sangue espirrado no olho do menino,¹ e seu movimento de ir a Georges, como o estranho, com a machadinha na mão. Por outro lado, Majid, um menino reduzido à orfandade e à solidão de subsistir como filho de segunda classe em uma casa alheia, devia sentir muito ódio, inclusive do filho principal da casa. Entre as duas crianças existiria intensa rivalidade.

Na história dos personagens adultos, mediada por aquele núcleo psicótico das fitas, a história familiar se repete: descontente com a mãe, o filho de Georges desaparece – passa a noite na casa de um amigo sem avisar aos pais. Durante a madrugada, Georges faz a polícia prender para interrogatório, como suspeitos de sequestro, Majid e seu filho jovem. O órfão cujos pais haviam morrido nas mãos da polícia francesa é levado com o filho por policiais agressivos que pretendem saber onde está o adolescente. Porque Georges não é capaz de lidar com o próprio passado, porque precisa ocultá-lo, ele faz retornar à violência sobre aquele que então é transformado em sua vítima. A criança destrói com inocência, e o adulto com inconsciência. Para Freud, as defesas que provocam o esquecimento fracassam, e por isso admitem o retorno deformado do esquecido, não apenas nos indivíduos, mas também nas massas.

É digno de destaque especial que cada parcela que retorna do esquecimento se impõe com um poder peculiar, exerce uma influência incomparavelmente forte sobre as massas humanas e reivindica a verdade de maneira irresistível, reivindicação frente à qual a objeção lógica não tem poder. [...] Esse caráter notável só se deixa compreender segundo o modelo do delírio dos psicóticos. Compreendemos há muito tempo que na ideia delirante se encontra um fragmento de verdade esquecida que, por ocasião de seu retorno, teve de admitir distorções e mal-entendidos, e que a convicção compulsiva que se estabelece quanto ao delírio parte desse núcleo de verdade e se estende aos erros que o envolvem (FREUD, 1939/2014, p. 124).

¹ Freud associou o ato de furar os olhos à castração, como no emblemático caso de Édipo.

Esse “fragmento de verdade esquecida” é aquilo que, por causar desprazer, seria esquecido. O esquecimento ativo e sustentado de uma parcela da própria vida psíquica fará com que o sujeito já não se enxergue nos pontos cegos que são efeito desse esquecimento de si. E então aquilo que foi esquecido se manifestará como retorno no mundo, externamente ao sujeito, já que lhe é estranho. Na obra *O homem Moisés e a religião monoteísta*, Freud sustentou que não apenas os indivíduos, mas também as massas sofrem o retorno do esquecido. O filme *Caché* pode ser interpretado como uma metáfora da cegueira diante do outro, e da tendência a ver nele uma projeção de aspectos próprios.

Março de 2018

Sergio Andraus

sergioandraus1@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

FREUD, S. *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1939). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.